

AS ROTAS DO SUL

UM PASSEIO COM SURPRESAS

José António Santos - ESGHT

Margarida Custódio Santos - ESGHT

Domingo, três da tarde. O nosso carro parou junto ao portão meio aberto e olhámos um para o outro.

- Será que se pode entrar com a viatura?
- Olha, ali é a recepção.
- Sim, mas está fechada.

Conclusão: ou o guarda teria ido à casa de banho, ou o acesso é livre ao Domingo. Inclinámo-nos mais para esta última hipótese. Pressionados pela criancinha desejosa de experimentar a sua nova bicicleta, estacionámos e iniciámos o percurso pedestre sem antes termos averiguado os motivos da entrada gratuita, o que mais tarde revelaria ter os seus custos.

Alguns metros mais à frente, perante uma encruzilhada, impunha-se tomar uma decisão: fazer um trilho de uma, duas ou quatro horas. Decisão facilitada, pois por essa altura já o Diogo pedalava afincadamente pelo trilho das duas horas, só parando quando duas criaturas peludas e saltitantes saíram alegremente ao seu encontro.

- Não tenhas medo. São cães de água, eles não fazem mal, só querem brincar contigo.

Nesse momento surgiu a tratadora que nos cumprimentou e convidou a visitar o canil ao mesmo tempo que nos dava explicações:

- O cão de água, hoje, apenas existe como animal de estimação. No entanto até há poucas décadas era um cão de trabalho que acompanhava os barcos de pesca artesanal, quer esses exercessem a sua actividade nas águas calmas da Ria Formosa, quer se deslocassem para a Antárctica gelada em busca do bacalhau. Este cão tem características

únicas como membranas entre os dedos das patas, o que lhe confere os dotes de um excelente nadador, sendo a única raça de cão que nada com as quatro patas. Com o declínio da pesca artesanal, o cão de água deixou de ter serventia e esteve à beira da extinção, tendo o canil, nessa altura crítica, nos anos setenta, desempenhado um importante papel na preservação desta espécie.

Após esta simpática visita guiada ao canil, continuámos o passeio pelo trilho em direcção ao lago das aves, parando para ler, aqui e acolá, as placas informativas do parque.

- Olha, esta placa indica que aí, mais acima, se encontram ruínas romanas de tanques para a salga do peixe.
- Sim, já as vejo. É pena estarem tão mal preservadas.
- Mas interessantes, de qualquer modo.

Outra placa indicava o observatório das aves. Subimos até um pequeno pavilhão cujas frestas de observação



FIG. 1 Cão de água



Ria Formosa com Ilha de Armonia FIG. 2

davam para um lago de água doce, onde milhares de aves de diferentes espécies poisavam na superfície tranquila do lago.

- Verdadeiramente espectacular! É surpreendente. Sabes que aves são?

- A placa informativa fala do galeirão, da galinha-de-água, do mergulhão-pequeno, do pato-real e da galinha-sultana, que é o símbolo do Parque Natural da Ria Formosa. É uma ave azul que em Portugal só existe neste parque e que também se chama caimão.

- Olha, ali está uma.

- Li no "Guia das Áreas Protegidas", editado pelo Instituto



de Conservação da Natureza, que o nome do nosso poeta Camões deriva do nome dessas aves que constariam no brasão da sua família.

- É interessante. Mas agora temos que continuar. Ainda estamos a meio do percurso e não sabemos a que horas o parque fecha.

De novo no trilho, mais uma surpresa. A pequena bicicleta do Diogo furou-se.

- Não há problema, eu carrego-a.

Mais adiante o Diogo cansou-se e recusou continuar a pé, o que era compreensível. Afinal o Diogo só tem quatro anos. Não havia nada a fazer senão continuar o passeio com ele ao colo. Do lado esquerdo do trilho sucediam-se os sapais onde se viam bandos de cegonhas e flamingos, assim como enormes quantidades de aves de outras espécies.

- Já reparaste que todas as pessoas com quem nos cruzámos são estrangeiros? É pena que os residentes da região prefiram ir passear para os *shoppings*, tendo um paraíso destes aqui tão perto.

- Sim, mas aqui apenas seriam vistos pelas aves.

No horizonte avistavam-se as ilhas da Armona e da Culatra. Entretanto aproximámo-nos de um edifício branco, harmonioso, junto à água. Era o moinho da maré. Infelizmente já estava fechado. Restava-nos tirar algumas fotos e ler a placa informativa. Ficámos a saber que este moinho, de concepção ecológica, foi construído em 1885 e utilizado até

1970, tendo sido um dos 30 moinhos de maré que terão existido na Ria Formosa. Actualmente, após restauro, é um dos 3 moinhos de maré ainda em funcionamento em Portugal.

- Temos que voltar cá outra vez para o visitar.

- Não só para o visitar. Temos também de fazer este passeio mais vezes. Que horas são?

- Quase seis. Temos que nos apressar.

Já na viatura, frente ao portão de saída, outra surpresa.

- O portão está fechado. Mas há mais gente esperando. Parece que não fomos os únicos a ficar aqui trancados.

Já começava a escurecer. Por sorte, ao fim de meia hora surgiu uma senhora ainda jovem com a chave do portão. Pela forma como protestava, em holandês, com o casal de estrangeiros que aguardava à nossa frente, deduzimos que não devia estar de bom humor. Mas enfim! Finalmente livres.

Notas finais: este passeio, realizado por nós em 13 de Fevereiro de 2005 na Quinta de Marim foi, no seu conjunto, uma agradável surpresa. Já agora, o horário de abertura do parque é o seguinte: de Segunda a Sexta, das 8:00 às 20:00 e aos Sábados, Domingos e feriados das 8:00 às 15:30.

Aos responsáveis do parque aconselhamos a colocação do horário de funcionamento num local bem visível à entrada. E, para terminar, aconselhamos este passeio apenas aos amigos! ... da natureza, claro!



Sapal FIG. 3